Sen.

Sarney garante ao PSD presidência em M

BELO HORIZONTE (O GLOBO) — O presidente nacional do PDS, senador José Sarney, assegurou ontem, em entrevista, que o presidente da comissão provisória do partido em Minas Gerais será um político oriundo do antigo PSD. Ele veio a Belo Horizonte, a mando do presidente João Figueiredo, para solucionar o impasse surgido entre antigos pessedistas e udenistas.

Sobre se o político escolhido era mesmo o ex-vice-governador Pio Canedo, o senador disse que "ainda não há nomes, e a decisão a respeito será tomada livremente por todos os políticos do antigo PSD". Depois de afirmar que o presidente da República não tem candidato, comentou que seu encontro de anteontem, com o governador Francelino Pereira, no Palácio das Mangabeiras, foi "cordial e frutífero".

CONTATOS

Sarney encontrou-se, no hotel em que está hospedado, com os ex-pessedistas Pio Canedo, Ozanam Coelho, Homero Santos, Murilo Badaró e Bias Fortes; e com os ex-udenistas Rondon Pacheco e Carlos Eloy.

Mais tarde, no encontro com os jornalistas, disse que possivelmente todos esses nomes fariam parte da comissão regional do PDS, embora não pudesse afirmá-lo definitivamente. Pouco depois, porém, garantiu ao repórter do GLOBO que eles integrariam a comissão, assim como outro ex-udenista: o deputado Bonifácio Andrada. Os outros dois da antiga UDN possivelmente serão Emílio Gallo e Dario Faria Tavares. O representante do PR deverá ser mesmo o deputado Aécio Cunha.

Depois de seu encontro com o senador, o deputado Bias Fortes declarou:

— A Presidência do partido em Minas está em Ozanam Coelho, Pio Canedo e Bias Fortes, mas não haverá luta entre esses nomes.

Enquanto isso, o governador Francelino Pereira — através do seu assessor de Imprensa, jornalista Manoel Fagundes Murta — anunciou que "o senador Sarney está em Minas, em missão política, e avisou a todos que o presidente Figueiredo não tem candidato à presidência da comissão regional do PDS".

Hoje, José Sarney permanecerá em Belo Horizonte, encontrando-se com outros ex-udenistas.

Para o senador, democracia tem de começar no partido

A Presidência do PDS em Minas fica mesmo com o ex-PSD?

— É evidente que em Minas, cujos políticos são marcados pelos velhos partidos, temos de verificar o fenômeno das origens. Acredito no consenso e acho que o candidato à Presidência será de origem pessedista.

Será Pio Canedo?

— Ainda não há nomes, e a decisão a respeito será tomada livremente por todos os políticos do antigo PSD. E o PSD que vai escolher.

Isso significa o começo da desudenização da Revolução?

— Não, inclusive porque, a meu ver, não há propriamente PSD. Estamos falando, isso sim, das origens dos políticos mineiros. Hoje, todos nós somos do PDS.

O senhor já conversou com Pio Canedo e Ozanam Coelho. Qual dos dois está pesando mais na balança?

— Repito: não estamos examinando nomes, mas sim critérios. E pelo critério adotado, os políticos que vieram do PSD é que deverão escolher, para presidir o PDS em Minas, um nome de conciliação.

Quer dizer que, escolhendo livremente o presidente, o antigo PSD ficará com seis nomes na comissão?

— Não. Concluímos que, para haver equilíbrio, quem ficasse em minoria indicaria o presidente; à maioria caberia indicar o secretário.

O senhor poderia explicar melhor os critérios adotados pela direção nacional do partido, em relação a Minas?

— Bem, não é novidade que temos de explorar os fatos políticos com realismo, pois as divergências são muito naturais dentro dos partidos. Aqui também vivemos divergências e, dentro delas, estamos buscando a unidade.

Essa sua visita a Minas conclui os entendimentos?

— Estamos justamente trazendo, para os companheiros de Minas Gerais, algumas diretrizes que nos parecem válidas. E essas diretrizes procuram exatamente o equilíbrio entre as forças que aqui compõem o nosso partido.

Ainda há muito incêndio na política mineira?

— Não, acho que não. Até que aqui as lutas não são intransponíveis.

O senhor acredita na possibilidade de se compor uma comissão do PDS em Minas, sem que restem seqüelas na política estadual?

— Não acredito que uma luta seja grande a ponto de deixar seqüelas. Estamos organizando o partido no Brasil inteiro e sabemos que, em todas as seções, há problemas. E isso é até mesmo salutar, porque a democracia é um regime de conflitos e num partido devemos viver uma democracia interna, ou seja, cada corrente tem de procurar afirmar-se.

Até ontem, o governador Francelino Pereira falava na comissão que ele indicou. Hoje, o senhor disse que essa comissão poderá ser alterada. Isso significa que o senhor mudou a posição do governador?

— Em absoluto. Desde o

Senador José Sarney

nador Francelino Pereira não foi a de impor nomes à comissão nacional. Ele sugeriu nomes. E temos recebido sugestões de nomes de várias outras correntes. E o que cabe justamente à direção nacional é conciliar esses nomes.

Quem mais o senhor recebe hoje, além de Pio Canedo e Ozanam Coelho?

— Já estive com o deputado Bias Fortes, com o senador Murilo Badaró, com o deputado Homero Santos. Já tive contatos com o deputado Carlos Eloy, devo estar com o ex-governador Rondon Pacheco. Enfim, vamos continuar conversando, inclusive porque os mineiros são homens do diálogo.

Todos esses citados pelo senhor serão membros da comissão?

— Creio que sim, embora não possa afirmar, porque este é um problema a ser ainda decidido pela comissão nacional. Mas são todos nomes expressivos da política de Minas, dignos de integrarem a comissão.

Quanto a divergências, que Estado está próximo de Minas?

— Em todos os Estados, tem que se negociar. Nós absolutamente não somos um partido de disciplina rígida, porque senão não seríamos democráticos. Não podemos pensar em democracia para os outros, se não exercemos a nossa democracia. E ninguém aceita imposições ou vetos; democracia é a regra da maioria.

Concretamente, quais os Estados com problemas?

— Ainda não aprovamos as comissões do Rio Grande do Norte, do Pará, de Goiás. Precisamos aprovar ainda na totalidade as comissões do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Ceará.

O senhor esteve recentemente com o ministro Abi-Ackel?

— Não. Mas ele tem tido uma conduta irrepreensível de homem público. Tem-se colocado sempre a nível nacional, como ministro da Justiça do país inteiro. Tanto assim que eu vindo a Minas por ordem do presidente da República, e ele sendo ministro da Justiça e membro da comissão nacional do partido, também está representado aqui.

O problema maior da formação da comissão provisória em Minas é com o PSD ou com a UDN?

— Ainda não pesamos os problemas. Temos divergências e vamos vencê-las.

O chefe do SNI telefonou para o governador Francelino Pereira, informando-o da decisão do presidente Figueiredo de designar Pio Caneco para a presidência da Comissão?

— Acho que não. O próprio Governo do Estado desmentiu, em nota, o telefonema. Portanto, não houve telefonema.

A posição do vice-presidente Aureliano Chaves está contribuindo para retardar a definição?

— Não. O vice-presidente tem colocado publicamente sua posição, e nós estamos aqui encarando o problema a nível da comissão nacional do partido.

O Governo Federal, e mesmo o SNI, tem interferido na formação das comissões regionais do PDS?

— É um absurdo imaginar que o SNI tenha alguma participação nisso. É evidente que o presidente da República, sendo o primeiro signatário do nosso partido, e responsável pela abertura democrática, é uma das figuras que deve não só nos aconselhar, como ter uma participação ativa no processo.

O presidente Figueiredo tem candidato para a comissão do PDS em Minas?

— Absolutamente, o presidente não tem candidato.

Como foi, ontem, seu encontro com o governador, no Palácio das Mangabeiras?

— Cordial e frutífero. Presentes apenas eu e o governador.

O governador disse que até dez de abril todo o problema estará solucionado. O senhor confirma essa data?

— Não temos data fixada, mas desejamos concluir os entendimentos no menor prazo possível.